



BREVE PANORAMA SOBRE A FUNDAÇÃO E OS AVANÇOS DA CIÊNCIA DA LINGUAGEM

Silvio Nunes da Silva Júnior (UNEAL)¹
junnyornunes@hotmail.com

Maria Yvone Lima da Silva (UNEAL)²
yvonegreat@hotmail.com

Almir Almeida de Oliveira (UNEAL)³
almirprofessor@yahoo.com.br

RESUMO: A discussão visa refletir sobre as novas abordagens dos estudos linguísticos através de teorias contemporâneas direcionadas a essa ciência. Através dos princípios filosóficos que iniciaram os estudos da linguagem, diversos teóricos utilizaram essas discussões para elaborar novas teorias, no entanto, quando Ferdinand Saussure ministrou o Curso de Linguística Geral, na Universidade de Genebra, despertou – ao mesmo tempo – a inquietação dos alunos do curso em descrever os postulados de Saussure após a sua morte, em 1913. Assim, os discípulos de Saussure lançaram, em 1916, o Curso de Linguística Geral como livro, o que fundou a Linguística como ciência. A partir daí, diversos tipos de teorias foram criadas dentro dessa ciência, concordando ou não com os postulados saussurianos, como o Gerativismo de Chomsky e a Sociolinguística de Labov, as quais serão discutidas no decorrer desse trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias Contemporâneas. Linguística. Estudos da Linguagem.

ABSTRACT: The discussion aims to reflect on new approaches of linguistic studies by contemporary theories directed to this science. Through the philosophical principles that initiated the study of language, many theorists have used these discussions to develop new theories, however, when Ferdinand Saussure taught the Course in General Linguistics at the University of Geneva, awakened - at the same time - the restlessness of students ongoing describe the postulates of Saussure after his death in 1913. Thus, Saussure's disciples launched in 1916, the course in General Linguistics as a book, which he founded linguistics as a science. From there, all kinds of theories have been created within this science, agreeing or not with the Saussurean postulates, as Chomsky Gerativismo and Sociolinguistics of Labov, which will be discussed in the course of this work.

KEYWORDS: Contemporary Theories. Linguistics. Language Studies.

A linguística, ou ciência da linguagem é, sem dúvidas, uma ciência nova. Nesse sentido, a maneira com que essa ciência começou a ser desenvolvida desde meados do século XIX, diversos estudos são realizados criando, ao longo dos anos, novas perspectivas teóricas

¹ Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas. Bolsista PIBIC/FAPEAL. E-mail: junnyornunes@hotmail.com

² Graduando em Letras – Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas. Bolsista PIBIC/FAPEAL. E-mail: yvonegreat@hotmail.com

³ Doutorando e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Professor Assistente de Linguística da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: almirprofessor@yahoo.com.br



dentro da lingüística como: a análise do discurso, a lingüística aplicada, a análise da conversação e etc.

Diante disso, pesquisadores das áreas de letras, lingüística e comunicação precisam, durante a formação, contatar com as mais diversas perspectivas que surgiram nessa ciência ao longo dos anos. Câmara Júnior (2006), em História da Lingüística, traz as novas abordagens dos estudos da linguagem de modo a contribuir significativamente para outros estudos lingüísticos, considerando as possibilidades de pesquisa na linguagem humana.

Na obra, Câmara Júnior visa, no capítulo intitulado “Abordagens diferentes ao estudo da linguagem: pré-lingüística, paralingüística, lingüística propriamente dita”, destacar os principais avanços dos estudos que abrangem a linguagem humana como um todo. Segundo o autor “Embora não seja a linguagem um fenômeno biológico como caminhar, mas uma criação social baseada nas capacitações biológicas, o falar torna-se tão mecânico na vida social que é considerado autoevidente e não se faz qualquer esforço para analisá-lo” (CÂMARA JÚNIOR, 2006, p.15).

Partindo dessas considerações, observamos que a linguagem, por não ser tida como algo biológico da vida dos indivíduos fica, grosso modo, empregada num mistério no que tange a aquisição. Observa-se que o uso da linguagem, por ter se tornado mecânico é, sem dúvidas, realizado naturalmente por todo e qualquer indivíduo. Assim, ao analisar os fenômenos e/ou as transformações na linguagem humana o único esforço a ser feito é o da denominação da perspectiva teórica na qual o pesquisador irá partir e desenvolver a pesquisa em lingüística. A linguagem é, para tanto, uma forma comportamental da vivência dos seres humanos.

Tendo essas considerações, a presente discussão objetiva refletir sobre os sete estudos da linguagem ditos por Câmara Júnior (2006), sendo estes: o estudo do certo e errado, o estudo da língua estrangeira, o estudo filológico da linguagem, o estudo lógico da linguagem, o estudo biológico da linguagem e o estudo histórico. Estruturamos essas reflexões em tópicos específicos no intuito de apresentar individualmente as assinalações de Câmara Júnior com outros autores que, nas suas teorias, fizeram o vislumbro das peculiaridades de cada estudo.

A linguagem humana é, e sempre será permeada por demasiados mistérios, desde a aquisição até o desenvolvimento. A comunicação humana sempre foi algo tão natural que



passa (ou) despercebido em sua realização no dia-a-dia de todo e qualquer falante das tantas línguas existentes.

Assim, diversas perspectivas surgiram na linguística desde quando pertencia a filosofia, abrangida principalmente na Grécia, da maneira em que estudos importantes como o das línguas naturais ou convencionais, por exemplo; visando, nesse sentido, procurar respostas concretas sobre o desenvolvimento da língua por aspectos históricos, geográficos e etc.

Diante dos constantes avanços sociais o estudo da linguagem se enquadrou num patamar cada vez mais elevado no que tange os padrões sociais que a modernidade delega. Nesse sentido, a língua começa a ser vista como perspectiva social através das considerações de Ferdinand Saussure (2006), professor e criador do Curso de Linguística Geral que, após a sua morte, seus postulados foram publicados por seus alunos na obra que fundou a linguística como ciência.

Ao longo dos anos um modo de utilizar a língua veio a ser cada dia mais prestigiado pelos falantes de todas as comunidades sociais do mundo. Isto posto, foi criado “um modo correto de falar” e, dessa maneira, quem não fizer (zesse) o uso desse modo estaria falando errado.

Na linguística, mais especificamente, a sociolinguística muito discutida desde meados da década de 1980 através dos estudos de William Labov, as discussões sobre o certo e errado na língua tomam um novo rumo, a perspectiva de língua heterogênea, apta a transformações socioculturais, históricas, geográficas e etc.

Na linguística essa linha de estudo é também denominada “teoria da variação e mudança”. A língua, nessa perspectiva, é tida como um fenômeno realizado em cada falante das diversas línguas existentes, uma vez que é utilizada no dia-a-dia de todos os indivíduos presentes numa dada sociedade.

Teóricos como William Dwight Whitney, Ferdinand de Saussure, Antoine Meillet e William Labov, por exemplo, definem a língua como fenômeno social, porém nem todos remetem a esse termo propriamente dito, assim como Whitney. Nesse sentido, algumas das diversas conceituações de língua partiram de análises contextuais em diversas pesquisas.



Émile Benveniste se destaca nessas discussões de modo que, através das considerações de Saussure, define a língua por meio do racionalismo, ou seja, acredita que a língua varia da maneira em que a faculdade de linguagem possui uma independência que, com isso, sofre todas as implicações de objetos externos (BENVENISTE, 1995), como a diversidade sociocultural, por exemplo. Quando remetemos a língua para Benveniste com o estudo do certo e errado citado por Câmara Júnior, percebemos que, no racionalismo, os modos ‘certo’ ou ‘errado’ são inaptos a existir.

A língua recorre a uma série de termos distintos que correspondem um a um aos primeiros [indicadores de pessoa, de tempo, de lugar], e que se referem não mais à instância de discurso, mas aos objetos “reais”, aos tempos e lugares “históricos”. (BENVENISTE, 1995, p. 280)

A língua, então, não pode ser vista como algo próprio de situações econômicas na sociedade. Nenhum indivíduo deve ser subestimado pelo modo como fala (se comunica) com os outros, tampouco a língua pode ser vista sob o viés do certo ou errado, uma vez que a fala que constrói os discursos são, em suma, individuais, cabendo a cada falante disseminar como quer utilizá-la como objeto “real” desde os primórdios.

Labov não defendia o racionalismo, mas assemelhava-se com a concepção de Benveniste de modo que as duas teorias estão voltadas ao funcionalismo linguístico. As características mais próprias da corrente sociolinguística é a preocupação constante com a fala. O autor, quando define a língua como “um instrumento de comunicação usado pela comunidade de fala” (LABOV, 2008, p. 220) destaca que cada sociedade determina as variações linguísticas que farão uso, mesmo que os componentes dessa comunidade não percebam o importante fenômeno que estão realizando.

Assim, portanto, o estudo do certo e do errado é citado por Câmara Jr para mostrar-nos os importantes passos dados pelo estudo linguístico no que tange as antigas diretrizes atribuídas pela gramática normativa da língua portuguesa. Mostrando também o que a abrangência da sociolinguística implicou nas características sociais das comunidades de fala e na democratização da língua materna que, em suma, foi gerada.



Câmara Júnior (2006), ao falar sobre a linguagem em seu estudo destaca que está se dá pelo impacto de fatores sociais e culturais, dentre esses, o autor destaca que o segundo fator que determina o estudo da linguagem “

é o impacto de uma dada sociedade como a comunidades estrangeiras que falam outras línguas. Seja esse um contato hostil ou amistoso, busca-se a compreensão linguística. Em consequência disso faz-se um esforço para dominar essas línguas. (CÂMARA JÚNIOR, 2006, p. 17)

Dentro desta perspectiva, observamos que o individuo pode aprender a língua estrangeira através de experiências concretas, aquilo que Câmara Júnior concebe como intercâmbio linguístico, onde o individuo busca apreender a língua estrangeira a partir do contato direto como ela. Ressaltando que, apreender uma língua estrangeira é ter contato direto com a mesma, diferentemente de aprender sobre a língua, o que se detém em apenas entender alguns aspectos gramaticais principais, o que não garante, de forma alguma, que o falante se aproprie da língua estrangeira.

Para essa corrente teórica um indivíduo pode aprender uma língua estrangeira a partir de assimilação com a língua materna, pois as estruturas sintagmáticas das línguas - embora possam ter suas peculiaridades -, ou seja, suas diferenças seguem um mesmo padrão estrutural com sujeito, verbo, adjetivo e etc. Um exemplo de peculiaridade é o da língua inglesa, onde o adjetivo sempre antecede um substantivo. Mas, como já mencionado, nas línguas cujas estruturas gramáticas podem ser parecidas, há peculiaridades próprias, o que para os linguistas não levam em questão o esforço de e para aprender a língua estrangeira.

Segundo Bakhtin (1990, p.108):

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. É apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída- graças a (LM)- se confronta com uma língua toda pronta, que só lhe resta assimilar. ”Os sujeitos não adquirem sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência’.



Como destaca Bakhtin (1990), percebe-se que a língua está sempre em processo de construção, não podendo ser considerada como algo completo ou acabado, uma vez que estamos inseridos numa sociedade e é por meio da língua que podemos interagir linguisticamente e socialmente. É essa relação de interação que nos aproxima das experiências vivenciadas por outros indivíduos.

Nesse sentido, Câmara Júnior (2006), ao falar que a linguagem é o impacto dos fatores culturais e sociais, considera, ao mesmo tempo, os estudos do gerativismo de Chomsky. Chomsky propõe na perspectiva gerativista que o indivíduo já nasce com a competência linguística e, para tanto, a desenvolve a partir dos parâmetros da língua, ou seja, aquilo que não é indutivo, sendo essa uma capacidade inata, que só a partir da interação entre os falantes pode ser desenvolvida, aqui situando na aquisição da língua estrangeira. Por tal motivo, acredita-se que Câmara Júnior entende que a linguagem se constrói através do impacto dos fatores culturais e sociais.

Dessa forma, vê-se que o ensino de língua estrangeira não é dado em questão no que diz respeito aos estudos linguísticos, pois acredita-se que o indivíduo possa adquirir também a língua estrangeira a partir de experiências concretas, isto é, através do contato direto como um falante da língua estrangeira. Assim, comparando as estruturas da língua materna com a estrangeira, as diferenças entre o estudo de ambas as línguas já não é de interesse dos linguistas teóricos, mas sim, dos linguistas aplicados que tem como intuito tratar das questões metodológicas do ensino/ aprendizagem de línguas.

Nos estudos que permeiam a história da (s) língua (s) muito se tem a desbravar, no intuito de caracterizar cada avanço e cada aspecto permanente na (s) mesma (s). Nesse sentido, a literatura da língua é um instrumento de extrema importância para a realização deste tipo de estudo que, desde muitos anos é denominado “filologia”.

A filologia corresponde ao estudo de textos literários escritos de cada língua, o que possibilita ao pesquisador descobrir de quais dialetos uma determinada língua partiu quando foi criada, podemos vislumbrar a filologia germânica que investiga línguas como a inglesa e a alemã, e a filologia românica com as línguas portuguesa, espanhola e outras.

De acordo com Câmara Jr:



Filologia é um helenismo que significa literalmente “amor à ciência”, usado a princípio com o sentido de erudição, especialmente quando interessada na exegese dos textos literários. Hoje designa, estritamente, o estudo da língua na literatura, distinto, portanto, da Linguística. Há, porém, um sentido mais lato para Filologia, muito generalizado em português; assim Leite de Vasconcelos entende por Filologia portuguesa “o estudo da nossa língua em toda a sua plenitude, e o dos textos em prosa e em verso, que servem para a documentar” (VASCONCELOS, 1926, p. 9), o que vem a ser o estudo linguístico, especialmente diacrônico, focalizado no exame dos textos escritos em vez da pesquisa na língua oral por inquérito com informantes. (1986, p. 117)

O estudo filológico, então, não se encontra dentro do estudo linguístico, antes disso, se distancia deste. A filologia não compreende a língua em pontos de vista sincrônico (SAUSSURE, 2006) ou diacrônico (LABOV, 2008), mas, compreende a língua como um fator histórico a ser descoberto por meio da literatura.

[...] a cuidadosa distinção, feita por Schleicher, entre linguística e filologia foi posta de lado e o uso inglês teve início tomando filologia como sinônimo de linguística. A confusão ficou no ar a partir do momento em que a filologia clássica aceitou a abordagem linguística. Ademais, como já vimos, os primeiros linguistas comparativos eram também filólogos sanscritistas e a gramática comparativa, referindo-se às línguas mortas, dependia da interpretação dos textos escritos. Por todas estas razões, uma nítida separação entre filologia e linguística não foi rigorosamente mantida, mesmo na Alemanha, apesar da atitude de Schleicher. (CÂMARA JR., 1986-a, p. 56)

É fato que tanto a linguística como as filologias pesquisam sobre a linguagem, porém, os pontos de vista são diferentes e, vale acrescentar que são totalmente decisivos no que tange a delimitação da ciência da linguagem e outras ciências. A filologia, então, se aproxima da linguística e, a nitidez de semelhança entre as duas não pode ser deixada de mencionar, principalmente quando se trata da linguística comparativa que só se distancia da filologia pelo fato de comparar as línguas em uso, já a filologia se interessa em comparar as línguas em uso com línguas clássicas e/ou mortas.

Diante disso, podemos constatar que as perspectivas linguísticas apresentadas até o momento correspondem a estudos “pré-linguísticos”, ou seja, ainda não caracterizam o estudo linguístico em geral, ou como destaca Câmara Júnior (2006, p. 20), “ainda não é linguística”, tanto pelo fato de terem origens puramente históricas de quando a linguagem não era estudada



numa ciência propriamente dita, como também, pelo distanciamento e a ausência de argumentos e comprovações para adentrar na linguística em sentido amplo.

O estudo lógico da linguagem parte dos primórdios filosóficos, ou seja, quando a linguística ainda não tinha se consagrado ciência, pertencendo, desse modo, a um pequeno campo de estudo na grande e explanada filosofia. Aristóteles define que a lógica não é uma ciência, é um instrumento que leva o indivíduo a desdobrar o modo correto de pensamento.

A lógica, nesse sentido, possui um objeto – o silogismo que se caracteriza basicamente como um argumento definido no decorrer do estudo da lógica. De modo que o argumento é constituído, o silogismo reflete a lógica com base na maneira em que o argumento foi constituído.

A relação de lógica e linguagem parte dessas considerações puramente filosóficas, mais especificamente numa área “denominada “filosofia analítica” – (...) a tarefa do filósofo era o esclarecimento do significado das expressões linguísticas (BORGES NETO, 2012, p. 1). Com isso, a linguagem seria constituída através de diversos processos lógicos. Para Volochinov (1988, p. 36), estudioso de Bakhtin, “A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada.”

Nessa perspectiva, a lógica concretiza a linguagem de modo a considerar apenas o que já ocorreu, isto é, dependendo de raízes históricas para determinar alguns aspectos constituintes da linguística como ciência, assim como a semiótica e os estudos discursivos.

Diante disso, são inegáveis as contribuições da filosofia para a constituição da ciência da linguagem. Os métodos filosóficos implicam nas modalidades de linguagem – oralidade e escrita, que estão relativamente ligadas a lógica, pois “não basta falar ou escrever, cumpre ainda ser ouvido, ser lido” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p.19).

No dias atuais a linguística brasileira a teoria gerativa de Noam Chomsky, vem ilustrando a diferença entre a linguística estrutural e da linguística Chomskiana. A princípio, o estruturalismo concebe a língua como algo que é aprendido por um processo indutivo, assim, baseados no behaviorismo, enquanto a teoria gerativa consiste num processo de “Fixação de parâmetros”. Ou seja, Chomsky faz um deslocamento da esfera social para o psicológico e do biológico. Segundo o autor, as línguas são muito semelhantes entre si, o que para ele, as



línguas são da forma que são porque mobilizam uma capacidade inata que é igual para todos os indivíduos.

Nesse sentido, percebe-se que, ao falar do estudo biológico da linguagem, Câmara Júnior (2006) leva em consideração o estudo gerativista, pois para tal teoria, a aquisição da linguagem, como já mencionado, consiste em um processo de fixação de parâmetros. Isso porque Chomsky acredita que todo indivíduo já nasce com a uma gramática internalizada, o que ele concebe como competência, e só posteriormente o indivíduo terá a capacidade de desenvolvê-la através dos parâmetros da linguagem.

Dessa forma, percebe-se que há um diálogo entre o estudo biológico da linguagem de Câmara Júnior, como a teoria gerativa de Noam Chomsky. Onde Chomsky propõe um estudo da língua levando em consideração os aspectos psicológicos e biológicos do indivíduo, como algo importante na aquisição da linguagem. Para os seus seguidores, um indivíduo só pode desfrutar da linguagem se estiver com o seu sistema biológico e psicológico saudáveis, nesse caso, seria aquilo que ele concebe como competência, uma vez que com tal competência poderá desenvolver a linguagem a partir da interação entre os falantes, o que não poderá acontecer com um indivíduo surdo, sendo este incapacitado de ouvir, que por este motivo não poderá desenvolver a fala.

Podemos, ancorados em Câmara Júnior (2006) empregar as perspectivas lógicas e biológicas da linguagem numa “paralinguística”, ou seja, foi o que existiu antes mesmos da linguística ser consagrada ciência e, com isso, não contribuíram significativamente para essa consagração.

Mas, dadas todas essas considerações dar-se a seguinte questão: o que seria o estudo linguístico propriamente dito?

Consideramos linguística todos aqueles estudos que avançaram após o lançamento do Curso de Linguística Geral, ou seja, os estudos elaborados após da consagração da “ciência da linguagem”. Como vimos anteriormente diversos estudos linguísticos vieram para contestar algumas afirmações gerais publicadas antes do século XX com lançamento histórico dos estudos saussurianos. A linguística propriamente dita parte, dessa maneira, de um estudo puramente histórico, considerando as perspectivas contemporâneas tidas na linguística como ciência.



Assim surgiu o estudo histórico da linguagem que acredita numa linguagem desenvolvida através da história da língua. Parte, necessariamente, das diversas discussões aqui apresentadas, porém, vislumbrando com enfoque a natureza histórica da comunicação humana.

A linguagem, assim, seria um acontecimento. Vejamos então que o ser humano, ao fazer uso da linguagem oral ou escrita, está precisamente utilizando a natureza histórica de determinada língua.

A sociolinguística, a lógica, a análise de discursiva e outras linhas teóricas desenvolvidas na linguística podem também ser acatadas para discutir esse estudo histórico, uma vez que o estudo linguístico vem, há anos, destruindo barreiras como o preconceito linguístico, o despreendimento e o aproveitamento de algumas correntes filosóficas e etc.

Não propomos, aqui, empregar essa discussão numa perspectiva descritiva do estudo linguístico. Percorremos, então, em um breve trajeto acerca da história e, portanto, da evolução da linguística em todo o território mundial. Sabendo que a ciência da linguagem esteve durante anos presa ao estudo da filosofia, considerando que toda e qualquer história revela pontos extremamente relevantes na denominação de uma ciência, desde a consagração até a contemporaneidade.

Referências

BAKHTIN, M. A Interação Verbal. In: _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. 4. ed. Campinas: Editora Pontes, 1995.

BORGES NETO, José. **O que é Filosofia da Linguística?**. 2012. Disponível em <<http://people.ufpr.br/~borges/publicacoes/traducoes/FilosLing.pdf>>. Acesso em 07. Fev. 2016.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 13. ed. Petrópolis : Vozes, 1986.

_____. **História da Linguística**. 4. ed. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis : Vozes, 1986.

_____. **História da Linguística**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2006.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 7 • Número 19 • Julho 2016

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

PERELMAN, C; OLBRECHTES-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

VELMEZOVA, E. Mikhail Bakhtin, o mecânico e as fronteiras. In: ZANDWAIS, Ana (Org.). **Mikhail Bakhtin**: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2005.

Recebido Para Publicação em 02 de abril de 2016.

Aprovado Para Publicação em 08 de setembro de 2016.